



Antropomúsica II / 2009
Acordes da Geofonia

Marta Catunda

Cindindo filigranas rosadas pendem sombras mornas de manchas desenhadas por focos de luz amarelada, pintam com trinados espremidos despejando a manhã enquanto estalam insetos com tombo de folha seca perfumando o conta gotas do silêncio, que teima tecer duetos com grilos desacordados, e cigarras que na moita ensaiam música de fundo para entrada em cena do sol; rãs miúdas deslizam para sono profundo na madrugada nua que se veste de melodia .finas cordas de mosquitos e abelhas, violinam sem dó, afinam-se aqui e ali vozes escondidas e alegres, aladas de efeitos, saltando surpresas de matizes, felizes vão se revelando sem pedir licença para a buliçosa natureza que se espreguiça ao som intenso da brincadeira de sua cria fazendo escorrer o leite farto de seus seios nascentes tamborilando vida para todos os seres cantantes; canto índio e gregoriano, sonata, ópera e até um rap de macacos; em minutos raros todas as músicas ali se entoam, todos os momentos de inspiração respiram, conspiram o verso e o reverso caótico de toda criação sonora...a sonosfera e sua geofonia contagia os ouvidos esquecidos da memória ancestral.

(Marta Catunda, Chapada dos Guimarães, gravação no Rio Cachoeirinha, Bocaína, 31 de julho de 2000)

Introdução para Antropomúsicos

| | |
|--------------------|--------------------|
| macia | Voz , acesa veloz |
| precisa | Voz , crescente |
| brilha | Voz, é de toda cor |
| vibra ¹ | Voz, é da onde for |

Antes de qualquer palavra, gostaria primeiro de expressar o Acontecimento Antropomúsica (II). Uma jornada humana de grande interesse motivacional tendo a música como um vasto rio que alimenta e encaminha com fluência à liberdade. Digo Acontecimento com “A” maiúsculo porque além de cada um especialmente dos orientadores (as), dos colegas paira sobre nós algo único que só uma vivência de dois anos de mergulho pôde realizar. Tudo ocorreu caudalosamente “durante”; canções, *insights*, descobertas, sentimentos perdidos, escondidos, entre os cristais teóricos e metodológicos da Antroposofia, legada a todos por RUDOLF STEINER. Um convívio único e precioso na lapidação de seres em comunhão ou, por escolha, conscientes ou não, a ela destinados. Diga-se então, no nicho onde pousa a diversidade há um grande desafio para a humanidade.

Parece fácil falar em integração social, mas ter flexibilidade nos princípios principalmente quando estes princípios são os da liberdade é um desafio considerável. Afinal não há primeiro lugar para todos quando primeiramente todos devem ter seu espaço. Todos têm sua origem, se confrontam com limitações, educativas, culturais, afetivas, ideológicas e invariavelmente confundem isso com aquilo que pode ser a Liberdade com “L” maiúsculo como o “Acontecimento” ela paira sobre nós. O que nos conforta é sermos todos aprendizes. Mas, pioneiros são sempre aqueles que dão à oportunidade e tem a coragem de nos conduzir a uma nova senda. Sem vacilar na noite de breu ao luar, deixar o espírito caminhar, junto ao coração da terra mãe, cantando como se ora e orando só para cantar, sempre cantando, tocando de leve as cordas dos sentimentos, tamborilando vontades adormecidas, soando nos gongos da esperança, soprando os ventos que unem versos como mágicas flautas do agora. Graças à boa vontade fomos seguros e bem conduzidos para singrar essas venturosas ondas sonoras e musicais. Sim, com o corpo eruritmado (o ritmo interior) numa só pulsação capaz de expressar cada coração, por isso agradeço com imenso carinho os mestres Meca Vargas, Marcelo Petraglia e Veronika Brunis por transformar nossa formação musical, em uma aventura pioneira e libertadora.

¹ Todas as epígrafes são trechos da canção Voz de Arnaldo Black, 1991.

Acordando

Em cada um de nós, um som
e para todos nós, um dom
em tudo que se move
ouço o fluir das vozes

Acorde! Pode ser uma exclamação que nos estimula a despertar ou, um conjunto de três ou mais notas escritas ou, executadas simultaneamente. Indica uma ação ou, interpela nossa atenção sensível: ouvir ativo. Seja como for, este artigo tem como objetivo principal o alerta, o acorde para despertar ou, acordar a musicalidade interior, se nem tanto, aquilo que nos move sensivelmente, o mundo sonoro que nos envolve e toca nossos ouvidos. Uma tarefa que parece tão simples. Ouvir o mundo pode nos parecer simples, mas, não é bem assim. É necessário mergulharmos nesta experiência realmente despertada, conscientes, empenhados em escutar.

Isso mesmo, uma escuta que leve a reflexão, um despertar enquanto ou “durante” quando a nossa experiência ou vivência auditiva acontece. Pode ser um simples passeio no quintal. Na maior parte do tempo ouvimos mesmo dormindo, nossa audição não se fecha, não tem pálpebras, porém, na maior parte do tempo abstraímos a maioria dos sons que nos circundam. Para fazer uma analogia temos uma audição cotidiana mais horizontal. Ouvimos sons camuflados pela audição mais superficial, menos seletiva ou conduzida apenas para as interpelações mais imediatas: uma voz que nos fala, o toque do telefone, o despertador, as buzinas, etc. Mas, há uma audição vertical (tal qual a pedra lançada na água, vai fundo, mas, move a superfície). Ela não é mecânica é menos superficial mais detida capaz de nos apanhar com sua teia de detalhes sutis. Uma audição que não é camuflada por ruídos onipresentes, pois, até mesmo esses acabamos por nos acostumar mesmo que os efeitos nocivos, monótonos ou repetitivos, dos decibéis excessivos ameacem nossa integridade auditiva.

A intenção deste texto é ir de encontro a uma outra rota para o ouvir. Podemos iniciar esse trajeto filosofando um pouco. Que tal seguir a lógica das águas? Desde os pré-socráticos (Heráclito) e Lao Tsu, esta lógica estava hibernando e encontra o primeiro renascimento na filosofia idealista alemã (o idealismo objetivo de Hegel), o primeiro a admitir, ou a questionar a imutabilidade kant-newtoniana do real, que “os processos são tão ou mais importantes que as estruturas”. STEINER (1904), afirma que um sistema de pensamento se dissolve tão rápido quanto é formado. O processo do pensamento sempre pede algo além de mera refutação teórica. Estudando os enigmas da filosofia questionou a suposição ingênua de que nossa própria visão é igual à realidade de si mesmo. Em outras palavras nós temos de viver por meio dos pensamentos e através deles, para entender os enganos aos quais eles nos levam.

A história da civilização ocidental acabou sendo a luta pela auto-imposição do racionalismo como modo dominante de pensar e também de escutar. Por esta linha de pensamento o mundo é mera disponibilidade racional. Só nos interessam os sons que servem para alguma coisa! Neste conflito entre as visões de mundo de um lado temos a dureza, a estabilidade, a rigidez, a cristalização de fenômenos, processos e desenvolvimentos, de outro a perspectiva mais dinâmica ou até porque não dizer, mais viva do movimento, da mutabilidade, da permanente transformação ou dos ciclos de transformação descritos na antroposofia. Assim sendo, a lógica mais dura das pedras e uma lógica mais fluida das águas.

Com STEINER (1904) podemos afirmar que ultrapassamos a lógica das pedras, das cristalizações. O espírito liberto pode agora acordar. O cristal cede seu

lugar à fumaça, (algo que os termodinâmicos só fizeram nos fins do século XX) o movimento turbilhonário do fluxo regular da água à fumaça, o não-linear impõe-se e sobrepõe-se ao linear, o invisível ao visível, aquilo que está presente assim como, aquilo que palpita em nosso espírito, mas, nem sempre é percebido ou sequer dimensionado. A crise da ciência do século XX é sobretudo uma crise da percepção.

Então o que prevalece nesse nosso longo caminho de percepção não é a busca apenas das regularidades, das repetições, mas a compreensão íntima, dos por vezes ínfima dos processos ou ciclos vitais da antroposofia. Intimidade não no sentido invasivo, mas, que nos permita enxergar tendências, formas de comportamento, de reação, de personalidade desenhadas numa complexa teia vital. De agora em diante, passamos a ficar despertos, acordados a esses delicados processos e à sua liberdade, à indeterminação, à imprevisibilidade, a tudo o que foge da uniformidade, mas, que deixa uma pegada sutil, filigranas que imprimem o vir a ser e a fluida dinâmica da existência que nos toca e determina assim uma rota única de crescimento para cada um.

1. Dimensão sonora e a geofonia

e todo sal da terra tem
de toda vida emana e vem
em tudo que oscila
revela e silencia
a nossa voz é nossa reza
sempre nos arrepia!

A industrialização, a urbanização e a mediatização (meios de comunicação, equipamentos e redes informáticas) permeiam nosso espaço de vida, nos dois últimos séculos e estes processos contribuíram para a modificação radical da relação perceptiva que temos com o mundo, com o ambiente no qual estamos inseridos. Sobretudo o sentido da visão imprimiu uma marca predominante. O devassamento da vida promovida gradativamente por meios, instrumentos, máquinas de visão, veículos, sistemas e velocidades e seus processos inerentes, ocorre em detrimento dos demais sentidos. Todas as formas de sedução política, das visões de mundo, das utopias do progresso, das próprias descobertas científicas, do espetáculo maravilhoso e ficcional das novas tecnologias encontram na imagem uma fôrma ideal, um modo preferencial.

O desengajamento social, a apatia política são também tributários da perda sensível do sentido da audição, do encolhimento ou concorrência nos espaços de diálogo, público e familiar, dessas tecnologias fazendo imergir os sentidos em outras ambiências não atmosféricas. Isso imprime e faz nascer no caminho auditivo de cada dia um outro e cada vez mais ampliado ou comprimido universo sonoro. A opressão do som natural imposta pela baixa fidelidade (*lo-fi*)² da urbe apresenta outra faceta que vem sendo promovida paulatinamente por equipamentos de reprodução e amplificação do som.

Como áudio e a reboque da imagem o som tornou-se acessório, perdendo sua viscosidade original, a extensão do tempo esparramado da paisagem sonora, onde todo ruído por mais longínquo acaba sendo necessariamente informativo. A urbe acaba criando uma dimensão comprimida em barulho, em caos e como esgoto sonoro. Não há mais marcos, ruídos sutis para que referências auditivas se relacionem com

² Schafer vai sugerir essa diferenciação entre paisagem sonora *hi-fi* de alta fidelidade do campo ou zona rural da paisagem sonora *lo-fi* de baixa fidelidade das metrópoles, onde os sinais acústicos individuais são obscurecidos por uma população super densa de sons. Neste estudo procuraremos demonstrar nem tanto essa dualidade entre alta e baixa fidelidade, mas, a partir de registros digitais identificar possíveis gradações entre ambas para melhor compreender as diferenças. Conf. SHAFFER, M. **A afinação do mundo**. São Paulo, Unesp, 1997, p. 71.

nossos ritmos interiores: o sino da igreja, o apito do trem, o canto do pássaro, nas árvores, jardins, quintais, etc. Baixa fidelidade e altos decibéis constituem uma combinação extremamente perigosa para um sentido complexo como o da audição. Onipresentes ou, repetitivos: máquinas, veículos, avenidas, que nunca param, não apenas provocam a surdez perceptiva para o mundo, mas joga com um novo escopo de material sonoro informativo. Muitas paisagens sonoras estão desaparecendo rapidamente com o crescimento urbano. Com elas, toda a informação sonora desses lugares também estão esvaindo da percepção coletiva direta, o que recai na cidadania ativa como um *status* de alerta dos perigos para ações preventivas em emergências ambientais. .

Outras paisagens sonoras estão desenhando inusitadas formas de sentir o som. Os grandes shows ao vivo e toda a parafernália de som, misturadores, amplificadores, etc. uma música que entra pelos poros é mais tátil do que propriamente para ser ouvida. Tem uma função como já teve nas sociedades primitivas, de cartase. A música, quem diria passa a ser uma das principais fontes de ruídos tornando-se onipresente em festividades em locais de sociabilidade, de tal modo a calar a boca dos falantes. A tal música de fundo reproduzida nas mais diversas ocasiões descumpra sua função cultural para se tornar mais uma das fontes de barulho, dos quais nem sempre podemos nos desvencilhar.

Há também a imposição do gosto musical popular, não porque pertence ao mundo do sucesso, da rádio, etc. Este discurso está fora do lugar, vai longe o tempo quando estas classificações: erudito e popular, entre outros, faziam algum sentido. Hoje não dependem mais da ocasião, do rito, de uma postura cultural, ou de locais especiais: salas de concerto, teatros, etc. E como para os nossos vizinhos o som da música clássica que ouvimos pode incomodar tanto, quanto pode nos incomodar o som, bat estaca ou o pagode, do outro lado do muro. Todas músicas reproduzidas tornaram-se de algum modo fonte de ruído porque os equipamentos de som estão por todo lado invadindo e se impondo a nossa percepção auditiva, aqui agora. Há que se proceder uma diferenciação entre sons audíveis(naturais) e auditíveis(ouvidos através de) sejam equipamentos de áudio, ou de amplificação.

A geofonia engloba todos os sons que nos cercam. KRAUSE (2002) que está entre os poucos se debruçam sobre o universo sonoro define os sons da seguinte maneira: “biofonia” (sons produzidos por organismos vivos), geofonia (sons não-biológicos) e antropofonia (ruídos humanos). Ele compreendeu que as estruturas acústicas da natureza são mais complexas que a maior parte das nossas músicas. Na experiência desenvolvida com a audição de pássaros especialmente defino geofonia todos os sons sejam humanos (audíveis ou auditíveis) sejam biológicos, da natureza ou produzidos pelos seres humanos. Nesta experiência pessoal o canto dos pássaro³ ressoou como um universo musical extremamente rico e repleto de novidades. Compreendo desde então a geofonia como o mundo, ou cúpula sonora da Terra, que soa na atmosfera. Talvez porque esta percepção siga uma pedagogia natural do sentido da audição e para o qual, certas classificações devem ser entendidas apenas como estratégias de aproximação. Há um risco de engessar nossa percepção mais direta tentando enquadrá-la deste ou daquele modo coibindo a espontaneidade do que a própria experiência pedagógica em si pode construir e conquistar. A sugestão é tentar buscar algumas referências mais simples e objetivas, nascidas da própria experiência, porque o interesse principal é sensibilizar tocando o que cada um traz

³ CATUNDA, Marta. **O canto de Céu Aberto e de Mata Fechada**: Editora da UFMT Edufmt, 1994.

dentro de si em relação ao som e a música. Sobretudo é interessante perceber como cada um de nós tem uma forma própria de ouvir e de perceber o que ouve. E a partir daí do desafio do próprio eu é que podemos desvendar um universo sonoro único formado por cada detalhe que ressoe de um determinado grupo de observadores.

Assim, nasceu à sugestão de um passeio programado e dirigido para ouvir e, então proceder os registros do que foi ouvido, criando comparações, nomeações entre outras descobertas que forem surgindo espontaneamente. Ou seja, sair de uma audição mais horizontal superficial para uma outra mais vertical capaz de se orientar por detalhes e por fim ampliar aquilo que se é capaz de ouvir superficialmente. Claro respeitando o que é característico de cada setênio, por onde corre o manancial do rio formador da experiência musical direta. É necessário fazer mais de um passeio, porque vão surgindo novas descobertas para serem investigadas e também novas formas de investigar.

2. Pensar sentir e querer – sonoramente

Voz, da água da correnteza
 Voz, da relva da brisa
 Voz, da pedra que cai bruta
 E o lago engole a voz, turva

Como as três expressões da alma no trabalho de conscientização auditiva, o pensar deve estar em equilíbrio com o sentir e com o querer. Um passeio para ouvir/pensar imbuído de um querer/ouvir. STEINER (1910) nos sugeriu alguns exercícios de concentração, retrospectiva e mudança de hábito. Refletir sobre um ponto de vista oposto cria uma flexibilidade interna; para nos abstermos de julgamentos e nos tornarmos mais objetivos. Ou seja, deixar o pensamento fluir ouvindo sem tentar enquadrar o que ouvimos em um primeiro momento. Não é tão somente a educação musical que nos torna sensíveis. O próprio LÉVIS-STRAUSS (1997) observou com profundo respeito à forma de ouvir das chamadas culturas primitivas. Em termos de acuidade auditiva, da localização espacial e do profundo conhecimento da geografia destes povos infundindo uma grande reverência e respeito pelo seu ambiente de vida, ouvindo-o nos menores detalhes e distâncias, quase como um corpo todo ouvido. O território foi todo antes mapeado pelos o ouvido, vai daí a características onomatopaicas das línguas brasílicas. Os lugares tem nomes que se assemelham ao som que neles ecoa.

A experiência de audição de campo em um passeio pode não despertar de pronto, pode demorar a nos tocar. Porque muitas vezes pensamos sem sentir primeiro. Para STEINER, pensar/sentir é o mesmo que pensar com o coração. Se não pudermos mais sentir ouvindo a natureza tudo que pensarmos sobre ela será meramente um pensamento vazio ou, pelo menos incompleto. Apenas e tão somente quando pudermos conscientizar sentindo o que ouvimos é que poderemos fazer uma educação verdadeiramente ambiental e ética do ouvir.

3. Processos vitais – sonoridade e suas nuances

em cada pingo d'água um tom
cada pedra no lago um som
em tudo que se move
ouço o fluir das vozes!

No caminho natural do ouvir está a mais remota das nossas experiências, desde o útero materno. Os ecos anteriores à gestação reverberam o remoto balé do antigo Saturno. Ao despertar pela manhã percebemos que tudo acorda de novo. Os sons acordam conosco, mas, nem sempre eles nos acordam. Apenas nos trazem à tona deixando cálida a memória dos sonhos, apagando-os lentamente enquanto a mente traz a lucidez solar. Mas, nos ouvidos noturnos dos sonhos outras músicas supra sensíveis ressoam. Para acordá-las é necessário exercitar os ouvidos. Os sentidos vitais são indissociáveis, mas, o sentido da audição é aqui tomado como uma espécie de carro chefe dos demais sentidos. Ele está à frente no caso do passeio para ouvir. Claro que os sete processos ou âmbitos vitais: respiração; aquecimento; alimentação; segregação; manutenção; crescimento; reprodução são permeados pelos cinco sentidos. Um corpo - todo ouvido, numa metáfora de expressão não deixa de atuar com todos esses âmbitos vitais. Então podemos falar metaforicamente também de uma audição que respira, aquece, alimenta, transpira, palpita e pode se manter em permanente crescimento basta que para isso possamos exercitar uma escuta cada vez mais refinada.

4. Caminho estelar do som (território cósmico)

As pessoas se acham o centro do Universo.
Por isso escutam uma coisa quando quer se dizer outra,
não é uma simples falta de entendimento,
é uma questão de compreensão.
Não escutam o que o outro diz, porque só escutam
o que querem e o que lhes interessa.
Daí tanta confusão no mundo.⁴

Já dizia o poeta Olavo Bilac hora direi ouvir estrelas. O mundo não pode ser observado a partir de uma posição unilateral. O mundo sonoro apenas se desvenda a quem busca ouvir, nas mais diversas ocasiões. Existem segredos escondidos na grande arca do som, sua substância fônica pode se acessada por quem se tornar sensível e permeável. Assim, em nossa andanças pelo mundo identificaremos diferenciados sons, gamas e timbre de vozes. Assim como o sol, passa pelo zodíaco para iluminar a terra de doze pontos, também poderemos nos colocar nas mais diversas posições: de idealismo, realismo, materialismo, espiritualismo, matematismo, sensualismo, racionalismo, fenomenalismo, psiquismo, dinamismo, pneumatismo, monadismo.

Reformular idéias faz parte da nossa vida comum, receber influências, estar mais ou menos animados ou dinâmicos, mas pensativos, mais introspectivos. Ao visitarmos um local para ouvir mais de uma vez, descobriremos neste ali um novo repertório de sons, sentimentos, pensamentos. Tudo o que numa experiência anterior nos havia escapado.

⁴ Ver FAOUR, Carla. **A arte de escutar: histórias que revelam a beleza de ouvir e ser ouvido**. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 74.

A necessidade de repensar constantemente está então no coração da Antroposofia. Ela se opõe ao tratamento mecânico do problema dado ao conhecimento. Conhecimento implica em envolvimento cada vez maior, um compromisso humano com a complexidade da própria vida e seu exercício permanente de descoberta. O mundo nos toca permanentemente e estamos de tal forma nele envolvidos que não nos damos conta que o ambiente é contido de diversos meios que perpassam uns sobre os outros, incluindo-nos, não está só fora de nós. A consciência de um mundo “externo” é uma contradição estranha na composição das coisas, mas uma característica enigmática da relação com nosso ambiente, que poderá ser mais bem compreendida com a ajuda de conceitos de forma, de desenvolvimento e de uma noção mais profunda do sentido da evolução.

5. Ciclos do som no aprendizado musical da vida

Quer ver? Escuta...⁵

Temperamento é o tempero que dá o sabor da existência. A música deve começar tocando puramente com sua mágica atmosfera. O mesmo ocorre quando penetramos pela primeira vez numa mata, ou em um local onde nunca estivemos antes. Suaves modos escalares desconhecidos nos tocam silvos, trinados, mas também sons pavorosos, urros, gloteados, amedrontadores e fatais. Antigos exploradores tal como o comandante da famosa Expedição Langsdorf (1828) de nossas matas acabaram por enlouquecer porque seus ouvidos ainda eram despreparados para o repertório sonoro natural de nossas matas. Como crianças apavoradas sucumbiram aos chamados desconhecidos.

Assim, a iniciação musical deve se servir de escalas ideais para criar uma ambiência de sonho, encantamento e tudo que antecede o despertar caudaloso das descobertas. Seguindo o domínio de moldar o som na educação antroposófica, tal qual uma espécie de barro, ou argila invisível se conduz o experimento do que foi despertado e a música passa a se manifestar como algo que se pode moldar, seguir, participar, fazer junto em cada etapa do crescimento. Numa verticalização ainda maior dos setênios a conquista ou domínio dos modos escalares, as escadas da sensibilidade podem ser tocadas amplamente. Daí o mundo caudaloso da música poderá fluir cada vez mais. A pedagogia Waldorf se ocupa em dar atenção às esses processos buscando a naturalidade do gesto auditivo e porque não dizer para criar uma prontidão mais viva na escuta.

Vai influir também o contexto, ou seja, a ontologia que escreve e encaminha nossa estrada biográfica. As vivências sonoras e musicais são fundamentais em todos os setênios e vão determinar anseios, dificuldades, preferências, e até a escolha um determinado instrumento como pudemos vivenciar durante o curso.

⁵ Dito popular pantaneiro.

6. Paisagem sonora (geofonia) e o ser humano

Todos ouvem, mas, poucos escutam. Escutar exige muita atitude e coragem. Talvez como professores muitas vezes ensinamos mais ouvindo, do que falando. Saber ouvir é uma arte, a arte da receptividade. A paisagem sonora só pode desenhar para nós se nos detivermos a ouvi-la, decifra-la. Quanto mais escutamos mais o cérebro exige de nós malabarismos para aproximar sons, vozes entre um enorme matiz de tons sutis.

Só mesmo uma antroposofia da audição pode nos conduzir a compreensão desse misterioso universo entre nós.

7. Um passeio auditivo na Demétria (impressões preliminares)

Como sugestão realizaremos um passeio auditivo na Demétria. O roteiro sugerido é o seguinte:

PRIMEIRO PONTO: indicadores de Profusão (mata, caminho da mata)

SEGUNDO PONTO: indicador de Fluxo, caminho até o bambuzal.
Rodovias, avenidas, cruzamentos.

TERCEIRO PONTO: Bambuzal.

Atividades para os antropomúsicos

1. Ficar no mais absoluto silêncio.
2. Fazer uma listagem dos sons que ouviu em cada ponto sugerido.
 - 2.1. Anotar as sensações percebidas e sons que considerou muito. especiais.
 - 2.2 Sons que notou como permanentes.
 - 2.3 Sons que incomodaram.
 - 2.4. Nomear cada ponto ouvido com um nome que represente sonoramente o lugar.

Avaliação

As observações serão comentadas no final da experiência e serão recolhidas para análise posterior da experiência e estudos de geofonia.

Bibliografia

- CATUNDA, M. **O canto de Céu Aberto e de Mata Fechada**. Cuiabá:Edufmt,1994.
- FAOUR, C.**A arte de escutar: histórias que revelam a beleza de ouvir e ser ouvido**. Rio de Janeiro:Agir, 2009.
- KRAUSE, Bernie. **Wild Soundscapes: discovering the voice of the natural world**. Berkeley: Wilderness Press, 2002.
- LÉVIS-STRAUSS. **Olhar escutar ler**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SHAFFER, M. **A afinação do mundo**. São Paulo, Unesp, 1997.
- STEIENER, R. **A filosofia da Liberdade (1894)**.Tradução de Alcides Grandisoli. São Paulo: Associação Pedagógica Rudolf Steiner,1979.
- _____**Teosofia(1904). Introdução ao conhecimento supra-sensível do mundo e do destino humano**.São Paulo:Editora Antroposófica, 7ª Edição, 2004.
- A ciência oculta(1910)**. Tradução Rodolf Lanz e Jacira Cardoso. 5ª Edição. São Paulo: Antroposófica, 1998.
- _____**A Arte Educação I – o estudo geral do homem uma base para a pedagogia**. Tradução Hudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1992.